

# AS COREOGRAFIAS DIDÁTICAS NA ENSINAGEM ONLINE E O FREVO PERNAMBUCANO: UMA DISCUSSÃO SOBRE METÁFORAS E MODELOS DE APRENDIZAGEM

Maria Auxiliadora Soares Padilha<sup>1</sup>  
Claudia Simone Almeida de Oliveira<sup>2</sup>  
Rogério Antonio de Paiva<sup>2</sup>  
Sérgio Paulino Abranches<sup>1</sup>  
Kátia Cilene da Silva<sup>2</sup>

## Introdução

Compreender a dinâmica do processo de ensinagem (PIMENTA; ANASTASIOU, 2005) e propor reflexões sobre essa dinâmica na perspectiva da educação online é o objetivo deste texto. Partiremos da proposta de Oser e Baeriswyl (2001) sobre as coreografias didáticas, no que se refere ao seu terceiro componente: os modelos base de aprendizagem; buscando realizar uma compreensão destas no contexto online. Para isso, apresentaremos os modelos considerados mais frequentes nas universidades, segundo Zabalza (2006), relacionando-os com as coreografias do frevo e a especificidade da modalidade online.

Oser e Baeriswyl (2001), professores da Universidade de Hamburgo/Frisburgo, propõem as Coreografias Didáticas para que possamos compreender os processos e contextos de aprendizagem (ZABALZA, 2006). Nesse sentido, os professores são coreógrafos que põem em cena situações didáticas para que seus alunos aprendam. E para que essa aprendizagem seja profunda e efetiva é necessário considerar: (a) a competência do professor em planejar as situações didáticas, (b) o papel ativo dos estudantes no

---

<sup>1</sup> 1 Professores do programa de Pós-graduação em Educação Matemática e Tecnológica – Edumatec/UFPE {dorapadilha@gmail.com; sergio.abranches@gmail.com }

<sup>2</sup> 2 Alunos do curso de mestrado do programa de Pós-graduação em Educação Matemática e Tecnológica – Edumatec/UFPE {katiacs@gmail.com; calsimone@bol.com.br; rogeriopaiva5@gmail.com}

processo de aprendizagem e, (c) os contextos de onde nascem e se efetivam essas aprendizagens.

De acordo com a proposta de Zabalza (2006) apresenta os níveis de estruturação das coreografias didáticas a partir de 4 componentes:

(1) A antecipação: este é um componente não-visível e refere-se ao planejamento. Neste momento o docente deve pensar no contexto, nas condições e possibilidades de situações didáticas, relacionando-os aos estilos cognitivos de seus alunos, buscando antecipar os resultados da aprendizagem dos mesmos;

(2) A colocação em cena: é um componente visível e está relacionado à todas as ações que o professor põe em prática para mediar a aprendizagem de seus alunos.

(3) O modelo base de aprendizagem: é um componente não-visível e se refere à sequencia de operações mentais ou atuações práticas que os alunos têm que executar para alcançar a aprendizagem. Essas operações mentais e/ou práticas são facilitadas e condicionadas pelas estratégias colocadas em cena pelo professor.

(4) Produto da aprendizagem: é um componente visível e é o resultado das operações mentais e/ou práticas desenvolvidas pelos alunos.

Neste texto iremos discutir sobre modelos base de aprendizagem a partir da metáfora do frevo. Este componente não-visível das coreografias didáticas precisa ser bem planejado e discutido para que se torne uma aprendizagem profunda e efetiva. É verdade que, quanto mais experiência, conhecimentos e sensibilidade tenha o professor, maiores as chances de que os resultados das aprendizagens sejam mais produtivas. Por isso, é preciso que o professor, constantemente, reflita sobre suas experiências e práticas; continue buscando aprender, estudando e se atualizando e, tenha clareza das necessidades de seus alunos, dos seus estilos de aprendizagem, de seus potenciais e de suas fraquezas, para que possa estabelecer as estratégias adequadas que realmente façam a diferença na aprendizagem dos mesmos.

### **A metáfora do frevo e a ensinagem online**

O frevo surge no Recife no final do Século XIX e é uma dança derivada da marcha, do maxixe e da capoeira, esta vinda da África e que depois tomou contornos regionais. É dessa junção de ritmos e estilos que nasceram os passos que configuram a sua coreografia. Os cordões carnavalescos convidavam os capoeiristas para irem na frente dos desfiles por causa da rivalidade entre as agremiações. Como a capoeira era proibida na época, por ser considerada uma luta perigosa, para disfarçar, os capoeiristas modificavam alguns passos e muniam-se de bastões e pedaços de pau, que depois foram substituídos pela tradicional sombrinha colorida (MADEIRA, 2007). Da mesma forma que os passos do frevo passaram a ganhar uma coreografia própria até chegarmos aos passos atuais.

Já para a definição do nome 'frevo', uma das justificativas vem da tradição da fervura do mel nos antigos engenhos de cana de açúcar, que o povo simples chamava frever, ou seja, ferver provocando uma forte ebulição. Como os passos possuem um ritmo efervescente, essa dança passou a ser chamada de 'frevo'.

Assim é o frevo: uma dança centenária, cheia de história e cultura e, ao mesmo tempo tão jovem com suas misturas de ritmos e cores. Com mais de duzentos passos catalogados, essa expressão artística possui o pertinente espaço da contínua recriação e é dessa criatividade intensa e coletiva que tentaremos estabelecer relações entre as coreografias didáticas, a ensinagem e a educação online, como vemos na figura abaixo.



Buscaremos fazer ligações, conexões, cruzamentos, assim como as pontes da nossa querida cidade das águas, Recife, e ousaremos fazer metáforas entre a coreografia do frevo e a coreografia didática na busca de compreender melhor as condições estratégicas para a ensinagem online.

Sabemos que uma coreografia é a arte de compor trilhas ou roteiros de movimentos que caracterizam uma dança ou uma cena teatral, marcada por ritmos, espaços, tempos, que inclui, até mesmo, a própria atividade em que o artista vai desenvolver seus passos. A coreografia pode variar, e de fato varia, de acordo com as formas de interpretação e de acordo com a qualidade técnica e opção artística do ator ou bailarino (ZABALZA, 2005).

No caso da coreografia do frevo, marcam-se os passos, os ritmos, os espaços e as atividades nas quais os passistas irão desenvolver sua performance. Essa coreografia também estabelece as coordenadas em torno das quais o *passista* poderá desenvolver suas capacidades, ora sendo limitado, ora sendo favorecido pelo espaço disponível. Nesse sentido, dialogando com Zabalza (2005, 2006) buscaremos a inclusão de novas coreografias, reafirmando que um dançarino sempre será um dançarino no que concerne à sua criatividade e estilo. Mas também sabemos que para que o dançarino execute sua performance, várias outras pessoas são necessárias. Não apenas o coreógrafo, mas, também os técnicos, que organizam a estrutura e o cenário e, inclusive, a platéia. No ambiente de aprendizagem, para que as situações didáticas sejam favoráveis precisamos considerar não apenas professores e alunos, mas a gestão pedagógica, a equipe técnica, entre outros atores. Nesse texto, nosso enfoque principal é no estudante.

Zabalza (2005) atribui aos componentes das coreografias dois tipos de estados: o interno ou o externo. A coreografia interna como expressão pessoal do próprio artista, se configura, no primeiro componente, na ação do planejamento do professor e, no terceiro componente, nas operações mentais e/ou operacionais dos alunos. Essas ações internas se manifestam substancialmente em um determinado produto do artista (seja aluno ou

professor). Já a coreografia externa, podemos considerá-la como o conjunto dos elementos do contexto, isto é: a música, a luz, figurino, cenário, adereços e público que permitirá explicitar, ou até mesmo mudar o tom da coreografia interna. Assim, o desenho didático proposto pelo professor online precisa considerar a concepção de ensino e aprendizagem implícitas (a luz), o ambiente virtual disponível (o cenário), as interfaces e a relação destas com os objetivos de aprendizagem (os adereços), as concepções e instrumentos de avaliação (a excitação ou apatia do público), entre outros elementos.

Nesse sentido, os passos do frevo, em sua relação com as Coreografias Didáticas, correspondem simultaneamente a dois tipos de demandas: por um lado, o passista pode criar livremente no espaço disponível e mostrar o seu repertório expressivo, e por outro, o mesmo passista se vê limitado pelos elementos que constituem a cena coreográfica, o ritmo, a estrutura, a forma e a sequências da música. Na educação online o professor irá disponibilizar as estratégias de uso das interfaces disponibilizadas para os alunos, levando em conta as habilidades existentes e objetivadas, os conteúdos necessários para atingir os objetivos, as condições de tempo, tecnológicas, de conhecimento prévio, institucionais, etc., estabelecendo a relação entre cada um dos passos que se pretende para criar a coreografia.

Entretanto, mesmo ao som de tantos acordes, também necessitamos do silêncio para organizar os pensamentos e construirmos nossas aprendizagens. Lembramos aqui, que este silêncio não é aquele imposto pelo discurso do professor, o qual muitas vezes ocupa todos os espaços da aula e o professor é coreógrafo e bailarino ao mesmo tempo, enquanto os alunos simplesmente silenciam, decoram e repetem algum dia para o professor. Contudo, o silêncio que falamos é um passo importante para as coreografias didáticas e uma condição básica para o processo da aprendizagem que acontece no momento interno do escutar mútuo e também a si mesmo. Como afirmam Freire e Faundez (1985) é preciso que o professor coloque o aluno para perguntar e se perguntar, na perspectiva de uma Pedagogia da Pergunta.

De modo geral, em maior ou menor grau, os desafios que se impõem à prática docente no ensino superior relacionam-se de alguma forma às possibilidades de articular as duas ações didáticas: ensinar e aprender.

Nas abordagens pedagógicas o foco sempre se volta para um dos elementos estruturantes da didática. Na pedagogia tradicional o foco é no professor, já na abordagem escolanovista passa a ser o aluno e no ensino tecnicista são os processos. Entretanto, não é suficiente apenas trocar de ênfase entre ensinar e aprender. Pimenta e Anastasiou (2005) consideram isto como um falso dilema da didática, elas reconhecem que ensinar é definido na relação com a ação de aprender, já que o primeiro desencadeia necessariamente o segundo .

O foco desse artigo indica aspectos metodológicos com estratégias mais mobilizadoras no sentido do ensino e da aprendizagem.concomitantemente. Diante dessas reflexões Pimenta e Anastasiou (2005) passam a usar o termo 'ensinagem', indicando uma prática social complexa efetivada entre os sujeitos, professor e aluno, englobando tanto a ação de ensinar quanto a de apreender, em processo contratual, de parceria deliberada e consciente para o enfrentamento na construção do conhecimento escolar, resultante de ações efetivadas no ambiente de aprendizagem.

Fazendo uma relação entre a compreensão de Pimenta e Anastasiou (2005) sobre o processo educativo poderíamos sugerir que na ensinagem, a ação de coreografar é definida na relação com a ação de aprender a dançar, pois, o ensino desencadeia necessariamente os movimentos do aprender. Nesse sentido, podemos compreender que a coreografia que o professor planejou, nunca será exatamente posta em prática, pelo aluno, exatamente como o professor previu, pois também é preciso considerar a condição de autoria dos alunos no processo da dança. É nesse momento que o professor propicia ao aluno a possibilidade de criação e recriação, numa verdadeira pedagogia do parangolé (SILVA, 2002).

Conforme a perspectiva da Nova Didática (ZABALZA, 2006) os processos de aprendizagem estão diretamente vinculados e condicionados aos processos de ensino. Não somente os estilos de aprendizagem dos alunos, mas também a maneira de atuar dos professores condiciona a forma de aprendizagem dos estudantes e seus resultados. Em se tratando do aspecto de ensinar vinculado ao estilo, tipo e forma de como os estudante aprendem, Oser e Baeriswyl (2001) afirmam que o processo de ensino-aprendizagem na sala de aula presencial ou virtual é algo parecido com o que acontece com as coreografias no mundo do teatro e da dança (ZABALZA, 2005 e 2006).

Segundo Zabalza (2006) existem 3 grandes estilos de aprendizagem entre os estudantes:

- 1) *Surface approach* - que estamos chamando de 'superficial', quando o estudante não possui a necessidade de compreender ou aprender o conteúdo estudado;
- 2) *Deep approach* - que denominamos 'profundo', e que vai além da motivação intrínseca, pois há uma forte implicação cognitiva nas tarefas, com a finalidade de assimilá-las e de dominar o máximo possível os conteúdos;
- 3) *Estrategia approach* - definido por 'estratégico', quando os alunos buscam obter o máximo rendimento do seu esforço e condicionam a esse objetivo o seu estilo de trabalho.

Nesse sentido, uma coreografia rica, repleta de sonoridades e silêncios, deve procurar uma harmonia entre os ritmos propostos pela coreografia planejada pelo professor e os passos da individualidade de cada aprendiz. Nesse processo de ensinagem busca-se a superação de coreografias tradicionais com estratégias criadas por coreógrafos sensíveis aos novos modelos que permitem perceber esse movimento musical invisível, como elemento constitutivo da dança.

### **As coreografias e os modelos base de aprendizagem**

Como vimos anteriormente os quatro níveis da metáfora das coreografias didáticas propostos por Oser e Baeriswyl (2001) são: *A antecipação* que relaciona-se à competência que o professor possui de planejar as aprendizagens de seus alunos; *a colocação em cena* que implica na coerência do educador entre planejamento e prática; *o modelo base da aprendizagem* que caracteriza a sequência de operações metacognitivas que o educando executa para construir a aprendizagem e por fim, *o produto da aprendizagem* do aluno que resulta da sequência de operações mentais desenvolvidas pelo aprendiz.

Consideramos todos os níveis desse processo importantes, contudo, neste texto abordaremos o componente *modelo base da aprendizagem*. Acreditamos que quando o professor compreende bem como ele se processa poderá proporcionar melhores condições de aprendizagem para seus alunos. Ou, como afirma Zabalza (2006), favorecer a criação de sistemas de ensino mais adequados.

Discutir modelos é sempre algo delicado, especialmente no contexto da educação online, da cibercultura e do ciberespaço que possibilitam tantas formas de aprendizagem, mas que também reproduzem tantas coreografias pobres.

Segundo Zabalza (2005) diversos estudiosos elencaram alguns modelos de ensino, como Herbart, Gagné e Briggs, Joyce e Weil, e ainda Aebli entre outros (apud ZABALZA, 2005). Oser e Baeriswyl (2001), em sua discussão sobre as coreografias apresentam também alguns modelos de aprendizagem e nós discutiremos, aqui, apenas dois modelos, dentre os apresentados por Zabalza. Considerando que cada modelo é formado por uma sequência operativa que o aluno deve recorrer para alcançar a aprendizagem efetiva, vamos ilustrar com a dança pernambucana, o frevo, buscando realizar movimentos poéticos e didáticos. Além disso, também apresentaremos algumas possibilidades de mediação do professor para a realização da ação pelo aluno. Lembramos ainda, que esses modelos se referem ao movimento que o aluno irá desenvolver, ou seja as operações mentais e/ou práticas do mesmo em seu processo de aprendizagem, a partir da estratégia (colocação em cena) que o professor planeja e põe em prática.

#### A) Modelo de Aprendizagem através da experiência e do descobrimento

Neste modelo, o aluno, como que por meio de tentativas vai experimentando as possibilidades e ao mesmo tempo vai encontrando novos horizontes para executar suas aprendizagens.

Para se efetivar a aprendizagem neste modelo Zabalza (2005) trata de cinco sequências operacionais que são realizadas pelo aprendiz:

(a) *a antecipação do plano de ação*: pensar no que se vai fazer, manipular, construir, resolver, etc., e nos problemas previsíveis. O aluno pensa como vai resolver a situação;

(b) *a realização das atividades que são previstas nos contextos correspondentes*; a ação concreta do aluno na resolução do problema;

(c) *a construção do significado da ação*: realizado através de um intercâmbio comunicativo (dizer o que se tem feito e por quê); significa a interpretação, a significação dada pelo aluno.



(d) a *generalização da experiência*: desenvolvida através da identificação dos elementos comuns às experiências dos demais sujeitos;

(e) a *reflexão sobre as experiências similares* existentes na bibliografia, nos livros, nas bases de dados, internet, literatura, etc. É a flexibilização das aprendizagens para outras experiências.

Acreditamos que estas sequências em sua essência são intrínsecas umas às outras, e que por sua vez podem acontecer simultaneamente e não estanques como o termo "sequências" possa sugerir.

A fim de compreender melhor este processo, vamos usar como pano de fundo o frevo e a aprendizagem de seus passos. Assim, podemos inferir que (a) a *antecipação do plano de ação* a ser executada se dá no momento em que o aprendiz começa a pensar no que se vai fazer e prevê as possibilidades que a dança vai lhe permitir ou restringir, a partir, inclusive, do que já viu, ouviu e experienciou sobre a dança proposta. É necessário que o aluno tenha possibilidades de interagir com os colegas, no sentido de enriquecer suas antecipações sobre o que e como pretende resolver os problemas que surgem durante a vivência da coreografia. Na educação online os chats e fóruns são fundamentais para que o aluno possa realizar essa ação. Entretanto, nos cursos, geralmente, não há um espaço exclusivo dos alunos, para que eles realizem essa interatividade. E, caso existam, é necessário que os professores incentivem a interatividade entre os alunos fora dos espaços mais formais.

A partir desta previsão e concepção da coreografia no todo, o futuro passista principia (b) a *realização das atividades*, tentando e ensaiando seus primeiros passos, e simultaneamente passa a agregar alguns significados para lhe fazer sentido a dança, isto é, (c) a *construção do significado da ação*. Da mesma forma, na realização das atividades online, o professor precisa estar atento para fornecer os feedbacks necessários aos estudantes. O acompanhamento é fundamental para a continuidade do processo de recriação do aluno. Além do que, ao fornecer o feedback, o professor orienta e acompanha a construção de significados pelos alunos, observando se são adequados, regulando a ação dos mesmos.

Em seguida, o aprendente passa à (d) *generalização da experiência* e à (e) *reflexão sobre as experiências similares* quando identifica os elementos comuns às experiências dos outros sujeitos. Na maioria das vezes, isso não ocorre no ensino. Os professores limitam-se à constatação da aquisição de conteúdos pelos alunos. Entretanto, o professor pode promover coreografias mais ricas em que a ação do aluno seja mais ampla e possa ser refletida em suas experiências concretas e claro, nas suas reflexões sobre as mesmas.

Na educação online podemos pensar neste modelo de aprendizagem para diversas coreografias didáticas. O uso da Webquest interativa (SANTOS, 2008), por exemplo, numa perspectiva da pesquisa enquanto princípio educativo, pode ser uma proposta muito interessante para a criação de coreografias significativas para a aprendizagem dos alunos.

#### B) Modelo de aprendizagem através de resolução de problemas

As sequências neste modelo são cinco de acordo com Zabalza (2005):

(a) *entrar em contato e compreender o problema*: este pode ser apresentado pelo professor ou descoberto pelo próprio aluno. Fazer a aproximação com o problema, procurando contextualizá-lo e compreendê-lo.

(b) *formular hipóteses sobre as possíveis fórmulas e tentativas*: levantamento das possibilidades de enfrentamento e resolução do problema. Os alunos devem participar ativamente do levantamento de hipóteses para resolução do problema e das diversas tentativas possíveis de resolução.

(c) *comprovar as hipóteses*: os alunos buscam informações, provam várias soluções e atuam baseadas nas tentativas e erros.

(d) *avaliar as soluções selecionadas*: comprovação e análise das ações de enfrentamento e resolução do problema e escolha da melhor solução. A análise dos resultados também deve ser dinâmica e participativa.

(e) *relacionar as soluções selecionadas com a compreensão global do problema*: ter clareza geral sobre o problema compreendendo-o dentro do contexto geral mais amplo.

Diante da aprendizagem do frevo como um desafio a ser superado alguns procedimentos são tomados pelo aprendiz. Antes de tudo é necessário *entrar em contato e compreender o problema* e isto ele faz via o coreógrafo ou por ele mesmo. Conhecer os passos possíveis de serem aprendidos e tentar dançar apesar do receio de fazer errado ou de perder o equilíbrio e parecer desengonçado. Na educação online o professor pode trabalhar, nessa perspectiva, a partir de estudos de casos e levantamento de problemas para que os alunos procurem solucionar. Os problemas devem ser contextualizados e o professor deve instigar o envolvimento dos alunos no processo de compreensão do mesmo.

Diante do desafio o novo passista passa a *formular hipóteses sobre as possíveis fórmulas e tentativas* para alcançar a performance dos passos do frevo. Baseado em tentativa, erros e possibilidades o aprendiz vai buscando e provando diversos passos a fim de *comprovar as hipóteses*. O passista define os passos que poderá fazer, a partir, também de seus limites físicos. Cada indivíduo desenvolve sua performance a partir de suas condições, conhecimentos e experiências. Com esforço e dedicação pode-se ir aprimorando a performance. Um fórum é um espaço muito interessante para o levantamento das hipóteses e as possibilidades de resolução do problema. O professor deve propiciar um espaço de interatividade e colaboração para que os alunos analisem as hipóteses uns dos outros e desenvolvam o senso crítico e analítico.

E ainda será preciso *avaliar as soluções selecionadas*. As propostas de solucionar o problema devem ser analisadas e, se possível, colocadas em cena, no sentido de tornar o mais real possível as aprendizagens. É importante considerar que as operações realizadas pelos alunos não precisam ser necessariamente concretas, mas podem ser operacionalizadas mentalmente.

Para *relacionar as soluções selecionadas com a compreensão global do problema* o passista pode perceber-se como um elemento dentro do conjunto que é o bloco que desfila pelas ruas, procurando a harmonia com a melodia e os demais passistas. Nesse sentido, na educação online a integração entre os alunos, no ambiente virtual, é imprescindível para uma coreografia mais harmoniosa.

## **Considerações Finais**

Os modelos apresentados anteriormente, foram discutidos por Zabalza (2005), a partir da perspectiva das coreografias presenciais. O exercício de pensar essas coreografias para educação online é um grande desafio e, o que pretendemos com esse texto, na verdade, é iniciar a discussão sobre coreografias específicas para a educação online. Apesar de Zabalza (2005) mencionar a possibilidade da utilização da metáfora das coreografias também no ensino virtual, até o momento, no Brasil, ainda não conhecemos estudos sobre essa relação, o que nos faz indicar que é necessário um maior aprofundamento dessa proposta teórica.

A nossa intenção, portanto, não é criar receitas de atuação no espaço virtual dos cursos online, mas compreender os movimentos das situações didáticas propostas nesses ambientes, contribuindo para uma melhor compreensão sobre a didática na educação online.

## **Referências**

FREIRE, Paulo e FAUNDEZ, Antônio. **Por uma pedagogia da pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

MADEIRA, Marcelo Candido. **Cem anos evervescentes**: cem anos de frevo. Disponível em <http://recantodasletras.uol.com.br/artigos>. Acesso em 28 de abril de 2008.

OSER, F. K. E BAERISWYL, F. J. Choreographies of teaching: bridging instruction to teaching”, in V. RICHARDSON (Editor): **Handbook of research on teaching** (4ª ed). Washington: AREA, 2001. pp. 1031-1065.

PIMENTA, S. G. ; ANASTASIOU, L. das G. C. . Docência no Ensino Superior. 2a.. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2005. v. 1. 280 p.

SANTOS, Edméa. O. A metodologia da WebQuest interativa na educação online. In: Freire, Wendel. (Org.). **Tecnologia e educação**: as mídias na prática docente. Rio de Janeiro: WAK Editora, 2008, v. 1, p. 107-128.

SILVA, Marco. **Sala de aula interativa**. Rio de Janeiro: Quartet, 3ª ed., 2002.

ZABALZA, 2005. **Pronunciamento durante a Solemne Lección Inaugural en las 3 Universidades Gallegas** - Santiago de Compostela, Coruña y Vigo. 2005.

ZABALZA, M. A. Uma nova didáctica para o ensino universitário: respondendo ao desafio do espaço europeu de ensino superior. In: **Sessão Solene comemorativa do Dia da Universidade – 95º aniversário da Universidade do Porto**. Porto: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, mar/2006.